

## Retextualizações multimodais: Ensaio com Estudantes do Ensino Médio

*Multimodal Retextualization:  
Essays with High School Students*

**Estefânia Cristina da Costa Mendes**

**Lucas Mariano de Jesus**

Centro federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET – Minas Gerais - Brasil



**Resumo:** A produção de textos na escola sempre se caracterizou como uma atividade complexa, tendo em vista a demanda de se contemplar os usos sociais da linguagem e dos multiletramentos. Por conta dessa dificuldade, infelizmente, o que vemos é um ensino nada sistemático e progressivo da escrita, um ensino que não mobiliza as habilidades que envolvem a competência do escrever e não explora as diversas linguagens e semioses que estão à nossa disposição na contemporaneidade. O texto dissertativo-argumentativo cobrado pelo Enem, tão requisitado atualmente, reforça a produção de textos que exploram apenas a linguagem verbal. Tendo em vista esse contexto, o presente trabalho apresenta uma discussão e análises a respeito do procedimento de retextualização multimodal na tentativa de verificar como estudantes do Ensino Médio retextualizam um texto predominantemente verbal em textos multimodais. Por fim, constatamos a importância de levar para a sala de aula atividades que mobilizem outros tipos de linguagem para além do texto verbal e a possibilidade de mesclar essas atividades com as demandas exigidas pelos alunos, no caso, a redação do Enem.

**Palavras-chave:** Multimodalidade. Retextualização. Produção de Textos.

**Abstract:** The production of texts in school has always been characterized as a complex activity, having in mind the demand to contemplate the social uses of language and of multiliteracies. Due to this difficulty, unfortunately, what we see is a teaching of writing that is neither systemic nor progressive, a teaching approach that does not mobilize the abilities that involve the competence to write and does not explore the diverse languages and semiosis that are at our disposal in contemporaneity. The essay the students have to write for ENEM reinforces the production of texts that explore only verbal language. Having this context in mind, this paper provides a discussion and analysis of the multimodal retextualization procedure in order to verify how high school students retextualize a predominantly verbal text in multimodal texts. Finally, we note the importance of taking activities that mobilize other types of languages beyond the verbal text into the classroom and the possibility of merging these activities with the demand made by the students, in this case, the ENEM essay.

**Keywords:** Multimodality. Retextualization. Text Production.

## 1 Introdução

“Orquestrar” linguagens – apropriando-nos aqui de um termo de Günther Kress (2003) – é uma das habilidades que uma pessoa letrada deve ter, especialmente nos dias atuais. Manejar modos semióticos diversos para a expressão é um dos elementos tratados pelo autor como “poder semiótico”, definido como “o poder de produzir e disseminar sentidos” (KRESS, 2003, p. 17). Uma aproximação a isso pode ser feita, na prática, por meio de atividades de retextualização multimodal.

Neste trabalho, tomamos como objeto de análise produções de textos de estudantes de 3º ano do Ensino Médio de uma escola particular mineira. Nosso objetivo foi verificar de que forma esses estudantes retextualizam (MATENCIO, 2002, 2003; DELL’ISOLA, 2007; MARCUSCHI, 2001) um texto predominantemente verbal – o texto dissertativo-argumentativo cobrado no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) – em textos multimodais, propondo a eles tarefas de retextualização que levaram em conta modos semióticos diversos.

Primeiramente, abordamos, sucintamente, os conceitos de letramentos multissemióticos, bem como de retextualização multimodal. Em seguida, apresentamos um breve paralelo entre as redações do Enem e a multimodalidade. A metodologia empregada para a realização desta breve pesquisa, além das análises dos textos produzidos pelos alunos, é exposta na sequência. Por fim, tecemos algumas considerações finais.

## 2 Multiletramento e Retextualização Multimodal

O mundo contemporâneo exige um trabalho de leitura e escrita que extrapole o simples decodificar e codificar informações. A prática educativa precisa tornar os alunos hábeis a participarem das diferentes práticas sociais nas quais os textos multimodais fazem-se presentes. Kress e Van Leeuwen (2006) compreendem os textos multimodais como composições que orquestram diferentes códigos semióticos. Os autores apontam as habilidades de

questionar, interpretar e criticar os recursos multissemióticos como pontos a serem aperfeiçoados pela escola, garantindo o “empoderamento semiótico” dos alunos. Nesse mesmo sentido, Rojo (2009) evidencia a necessidade de se trabalhar com os letramentos multissemióticos, ou seja:

com a leitura e a produção de textos em diversas linguagens e semioses (verbal oral e escrita, musical, imagética [imagens estáticas e em movimento, nas fotos, no cinema, nos vídeos, na TV], corporal e do movimento [nas danças, performances, esportes, atividades de condicionamento físico], matemática, digital etc.), já que essas múltiplas linguagens e as capacidades de leitura e produção por elas exigidas são constitutivas dos textos contemporâneos. (ROJO, 2009, p. 119)

Assim, o trabalho com mapas, gráficos, infográficos, por exemplo, não deve se restringir às aulas de Matemática ou Geografia; tampouco as imagens devem ser concebidas como meras ilustrações dos textos verbais. Neste sentido, uma das várias formas de se trabalhar o letramento multissemiótico na sala de aula é por meio de atividades de retextualização multimodal.

No Brasil, a retextualização foi tratada especialmente nos trabalhos de Marcuschi (2001), Matencio (2002, 2003) e Dell’Isola (2007), que se fundamentam na ideia de que haja um continuum do texto mais genuinamente oral até o mais fortemente escrito, configurando-se um espectro diversificado, que engloba também o estudo dos gêneros textuais. Kress (2003) expõe outra abordagem, considerando não um continuum, mas a existência de modalidades diferentes, cujas características e affordances mostrem dimensões diferentes da linguagem. Segundo o autor:

[...] a relação entre língua falada e língua escrita está longe de ser direta, mesmo se nós permanecermos meramente no nível do som e da letra - o que, é claro, não podemos fazer em qualquer discussão mais completa sobre língua ou sobre letramento. (KRESS, 2003, p. 23. tradução nossa)

Em outro trecho, Kress (2003, p. 31) explicita e assume que:

A fala e a escrita são profundamente diferentes. Elas foram tratadas como “a mesma coisa” em muitas teorias conhecidas da língua. [...] Escrita e fala vistas como um continuum, não realmente distinguível em

termos de affordances. O ponto de vista que advogo aqui é o de que elas são modos diferentes, e este não é o ponto de vista mainstream. (KRESS, 2003, p. 31. tradução nossa)

Nas duas abordagens, temos concepções distintas em relação às modalidades de apresentação dos textos; porém, em ambas, lidamos com uma diversidade de formas de representações da língua que faz parte de nossas práticas discursivas, formas essas que vão se manifestando ao passo que novas culturas vão surgindo. Assim, percebemos que alterações vão sendo feitas em nossas práticas sociais, em nossas práticas de linguagem e nos textos que socialmente circulam entre nós. Além disso, é certo que as mídias digitais impulsionaram de forma acelerada esse processo de modificação e foram fundando uma “cultura das mídias” (SANTAELLA, 2008, p. 95), que atrelada aos equipamentos de comunicação (móveis ou não), contribui para que nossas práticas de utilização de textos recebam novos delineamentos.

Diante das modificações da noção do objeto “texto”, inevitavelmente, as práticas de leitura e o perfil do leitor atual também se modificaram. Tais mudanças estão atreladas aos gêneros digitais que trouxeram em seu bojo uma ressignificação do ato de ler. De acordo com essa caracterização, Marcuschi (2004), citado por Pereira e Penha (2008, p. 4), afirma que

Os gêneros adaptam-se, renovam-se e multiplicam-se e devem ser estudados na relação com as práticas sociais, os aspectos cognitivos, os interesses, as relações de poder, as tecnologias, as atividades discursivas e no interior da cultura. Mudam, fundem-se para manter sua identidade funcional com inovação organizacional. Nem são estáticos, nem puros, são formações interativas, multimodalizadas e flexíveis de organização social que contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. (MARCUSCHI, 2004, p. 18)

É no sentido das formações interativas, multimodalizadas e flexíveis que encontramos a teoria da multimodalidade.

### 3 Multimodalidade e redações do Enem

Redigir um texto em uma situação cotidiana é uma tarefa complexa para muitas pessoas. Tal complexidade se eleva quando o texto produzido será avaliado em algum processo seletivo, pois a situação de produção possui características próprias além de buscar atender orientações previamente estabelecidas, por exemplo, em um caderno de provas.

No contexto do 3º ano do Ensino Médio, o texto dissertativo-argumentativo cobrado pelo Enem talvez seja o gênero mais trabalhado, já que essa parte da prova tem peso significativo no exame, podendo auxiliar o aluno a garantir sua sonhada vaga na universidade. Entretanto, qualquer outro modo semiótico inserido nele é motivo para a prova receber nota zero. Neste cenário, percebe-se que não há, muitas vezes, preocupação em se trabalhar outras modulações de linguagem.

Ribeiro (2015), ao falar do texto dissertativo-argumentativo, cobrado no Enem, expõe:

eles me tiram o fôlego para fazer projetos assim, preocupados com outros gêneros textuais e outras modulações de linguagem. Os famosos “três parágrafos” ou quatro, de um texto dissertativo argumentativo, tornam-se uma espécie de meta única de grande parte dos jovens, o que me parece medíocre, em uma sociedade que lida, cada vez mais, com modulações textuais muito mais sofisticadas. É insuficiente, é pouco. A produção textual tem muito mais alcance, quanto mais diversificada e refletida ela é. Estamos, então, falando em poder semiótico e em processos de edição. (RIBEIRO, 2015, p. 122)

A autora (2015) alerta para o fato da precariedade existente em muitos textos dissertativos-argumentativos, que são frutos de discursos vistos como modelos a serem seguidos na construção de um “bom texto”. A “meta única” citada pela autora, em muitos casos, é atingida sem o compromisso com a ação de escrever e dá origem a textos desarticulados, truncados e inconsistentes.

Uma observação importante em relação ao gênero dissertativo-argumentativo, ou redação de vestibular, é feita por Castaldo (2009). A autora salienta que

A redação de vestibular, além de tudo, não é um modelo didático, é o próprio gênero de referência (Schneuwly, 2004). Diferentemente, entretanto, de outros gêneros circulantes, a redação de vestibular tem, no meio escolar, um modelo didático extremamente próximo ao gênero de referência. As características formais são idênticas; os aspectos interlocutivos, muito semelhantes, principalmente porque o interlocutor não-escolar é um avaliador “à moda da escola”. A tênue diferença, entretanto, parece ser suficiente para deixar à mostra aspectos relativos à transposição de conhecimentos entre simulação e a situação de fato; entre a língua escolar e a não-escolar. (CASTALDO, 2009, p. 72)

Assim, cientes da importância de se trabalhar o letramento multissemiótico e, ao mesmo tempo, sem deixar de lado o trabalho com a tão temida redação do Enem, mesmo que ela seja menos multimodal se comparada a outros textos, é que propomos a atividade aqui relatada.

Neste trabalho, tomamos como objeto de análise produções de textos de estudantes de 3º ano do Ensino Médio de uma escola particular mineira. Nosso objetivo foi verificar de que forma esses estudantes retextualizam (MATENCIO, 2002, 2003; DELL’ISOLA, 2007; MARCUSCHI, 2001) um texto predominantemente verbal – o texto dissertativo-argumentativo cobrado no Enem – em textos multimodais, propondo-se a eles tarefas de retextualização que levaram em conta modos semióticos diversos. Vale ressaltar que não se determinou aos alunos o gênero textual que deveria ser resultado do processo de retextualização.

As redações e os textos resultantes da atividade de retextualização foram escaneados e analisados, conforme se verá a seguir, sob a perspectiva da retextualização multimodal.

#### 4 Retextualizando as redações do Enem

Nesta seção, apresentamos quatro textos dissertativos-argumentativos produzidos pelos alunos, bem como as retextualizações elaboradas a partir deles.

#### Redação A<sup>1</sup>

*A ciência a cada ano que se passa, evolui cada vez mais rápido. Um dos grandes fatores desse avanço são os testes em animais, que embora sejam sacrificatórios, salvam a vida de muitos humanos e animais, além, de terem trago diversos benefícios para a vida. Entretanto, existem algumas formas de se diminuir o uso de animalejos em pesquisas.*

*Fez-se imprescindível ressaltar que, os testes científicos em animais não são feitos exclusivamente para humanos, como a maioria das pessoas acredita. A pesquisa para encontrar a vacina antirrábica gerou a morte de milhares de cães, porém, salva a vida de milhões de cachorros. O pensador absolutista Nicolau Maquiavel dizia o seguinte: “Os fins justificam os meios”, que se comparado aos testes, alguns seres são submetidos à testes para salvar outros.*

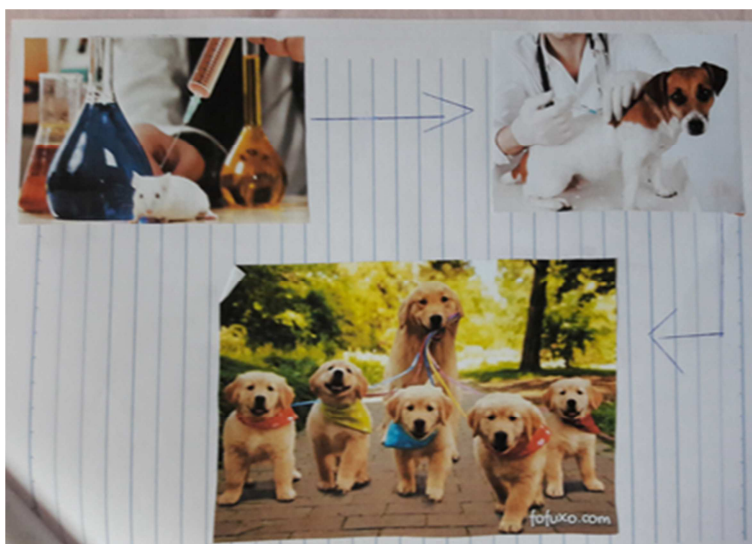
*Cumprir observar também, que as análises em seres já trouxeram diversos benefícios para o desenvolvimento da vida, como o soro contra picada de cobras que é feito em cavalos e a insulina usada por diabéticos que é feita a partir do pâncreas de alguns mamíferos. Esse aspecto deve-se ao fato de que pesquisas com animais garantem segurança aos seres humanos, evitando que esses sejam submetidos a estudos clínicos com moléculas que já acusaram toxicidade, como acontece no filme “Planeta dos Macacos a Origem” onde o cientista interpretado por James Franco adianta os testes de um medicamento em seu próprio pai e logo percebe que o remédio ainda não estava pronto.*

*Portanto, para que se diminua o uso de animais em testes científicos, é importante que o governo esteja ciente dos testes e junto a Vigilância Sanitária faça rígidas inspeções a fim de diminuir o número de animais sacrificados, além disso, a criação de uma delegacia específica para os animais, dá mesma forma que existe a delegacia da mulher, cabe ainda o Conselho de Medicina oferecer mais renda aos laboratórios que utilizarem técnicas in-vitros ou modelos computacionais em seus testes.*

Fonte: Dados da pesquisa

<sup>1</sup> Os textos foram transcritos conforme elaborados pelos alunos, sem qualquer correção.

Figura 1 – Retextualização da Redação A



Fonte: Dados da pesquisa

Observa-se que a retextualização da Redação A sintetiza a tese defendida no texto base: “embora sejam sacrificatórios, [os testes em animais] salvam a vida de muitos humanos e animais, além, (sic) de terem trago (sic) diversos benefícios para a vida”. O aluno seleciona a imagem de um camundongo recebendo uma vacina, animais esses geralmente os mais usados como cobaias; em seguida, por meio de uma seta, conduz nosso olhar para a segunda imagem: um animal maior, um cachorro, também recebendo a medicação. Na sequência, aparecem vários filhotes de cachorros, saudáveis e aparentemente felizes, sendo conduzidos pela mãe. Essa sequência elaborada pelo aluno, além de representar o ponto de vista adotado no texto, ilustra bem a frase de Maquiavel “os fins justificam os meios”, citada na redação como forma de dar credibilidade ao ponto de vista defendido.

O aluno recorreu a elementos não verbais apenas – recortes de revistas e setas, as quais indicam o caminho da leitura, já que as figuras não foram dispostas de forma linear. A retextualização implicou mudança de gênero; o texto dissertativo-argumentativo foi retextualizado em forma de esquema. Esse gênero tem como objetivo destacar apenas aquilo que é essencial para um texto, o que de fato foi feito pelo aluno. Não conta, porém, com título ou legenda que informe ao leitor a temática abordada; assim, ao circular separadamente do texto

de origem, o esquema demandará que o leitor faça inferências para produzir sentido.

#### Redação B

Muito se tem discutido, recentemente, acerca dos testes em animais, seus resultados no mercado científico e na vida dos animais utilizados nos experimentos.

Devido a um episódio recente de invasão de um laboratório de pesquisas que realizava experimentos com cães da raça beagle, regularmente utilizados em testes por causa de sua obediência, muitas pessoas mostraram revolta em decorrência dos maus tratos sofridos por esses animais, porém a questão levantada foi: “a que ponto essa comoção confronta os limites da hipocrisia?”

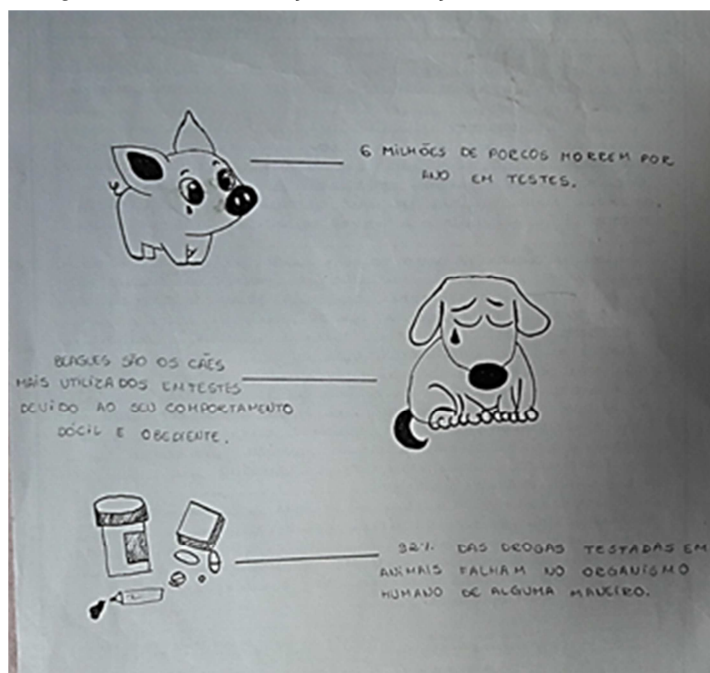
Segundo estatísticas do reino unido, mais de 6 milhões de porcos morrem, por ano, durante testes na indústria de dermocosméticos, que são exportados para vários países do mundo, inclusive para o Brasil, onde estima-se que 36 milhões de porcos morrem neste mesmo período de tempo para servir de alimento à população.

Levando-se em consideração tudo o que foi mencionado, a maior parte dos hábitos da população brasileira instigam essa indústria a continuar investindo em pesquisas que movem milhões de reais e não mostram retornos à população. De acordo com a FDA (Foods and Drugs Administration), 92% das drogas testadas em animais falham no organismo humano de alguma maneira, isso acontece em razão das diferenças celulares, anatômicas e metabólicas que trazem às pesquisas um caráter de inutilidade.

Em razão disso é preciso que haja uma mudança de comportamento urgente da população, que poderia evitar comprar produtos testados em animais, aderindo a iniciativa “sem crueldade”, consumindo também um número reduzido de carne e por parte dos laboratórios, uma mudança de métodos, que podem ser mais relevantes e baratos, como o método *in vitro* e estudos em culturas de células.

Fonte: Dados da pesquisa

Figura 2 - Retextualização da Redação B



Fonte: Dados da pesquisa

Neste segundo exemplo, o aluno baseou-se em três dados numéricos usados por ele ao longo da redação para fazer a retextualização. O aluno contrapõe a comoção popular após serem descobertos maus-tratos a cães da raça beagle, utilizados como cobaias em um laboratório, ao elevado consumo de carne suína, por exemplo. Esse confronto, para ele, deixa transparecer certa hipocrisia da sociedade. Além disso, contesta os testes em animais ao afirmar que eles nem sempre trazem benefícios à população, ratificando tal ideia com dados do FDA.

Diferentemente do primeiro exemplo, esta retextualização parece ser mais dependente do texto base para ser compreendida, porque o dado sobre o consumo de carne suína não se relaciona, à primeira vista, com o uso de beagles em testes e com a ineficácia de alguns medicamentos em humanos após terem sido testados em animais.

Observamos a modulação entre desenho e texto sintético com dados numéricos, num formato visual que se assemelha a um infográfico; no entanto, não há título ou qualquer outra informação mais geral que situe o leitor sobre a temática do texto. O aluno preferiu não usar cores em seus desenhos, mas a lágrima desenhada, caindo dos olhos dos animais,

simboliza a situação problemática na qual eles se encontram.

#### Redação C

*Atualmente os testes em animais são passíveis de discussão, ainda que o objetivo das pesquisas - em humanos ou animais - seja melhorar a saúde do paciente ou consumidor e não causar danos. Porém esse fato não se aplica na prática já que os animais e humanos foram cruelmente tratados em testes. Isso gerou dois lados: os que rejeitam e os que aprovam os testes em animais, além de não haver consenso entre as partes.*

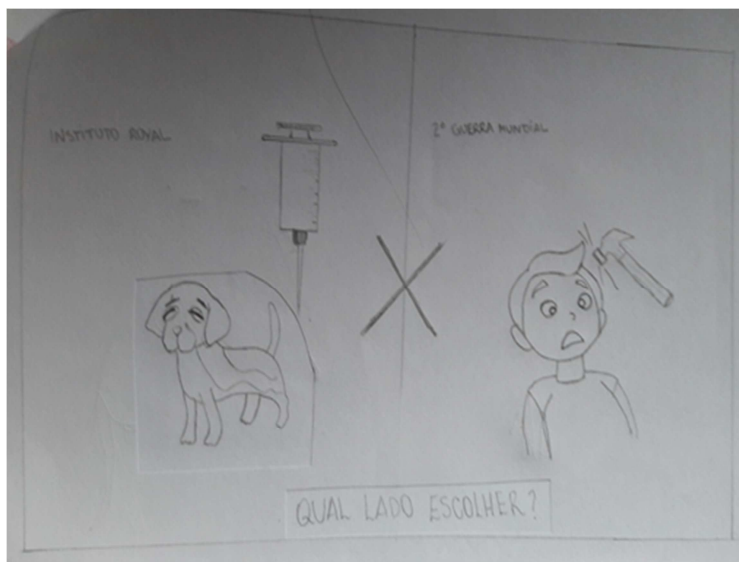
*De um lado os defensores dos animais afirmam que os testes devem ser feitos diretamente nos humanos, já que, na maioria das vezes, o produto é para benefício humano. Diante disso o estado do Rio Grande do Sul aprovou uma lei que permite testes em pessoas em estado terminal, tais como o uso de artérias sintéticas, bem como os testes para cosméticos não podem mais ser feitos em animais. Além disso, um fato que potencializou essa defesa foi o ocorrido em São Paulo, em que o Instituto Royal foi invadido e acusado de maus-tratos e realização de procedimentos indevidos nos animais lá usados como cobaias.*

*Do outro existem os que aprovam os testes em animais e aprontem que a medicina não teria alcançado o patamar atual se não fosse por isso. Além do mais existem normas que protegem o bem-estar do animal durante os procedimentos e tais procedimentos podem ser usados para o benefício do próprio animal, como por exemplo, vacinas, rações e medicamentos veterinários. Um acontecimento que avisa a aprovação dos testes em animais é o histórico do século XX, durante a Segunda Guerra, aonde alemães testaram, de forma imoral e repugnante, diversas técnicas em humanos. Um exemplo disso foi o congelamento do corpo, testes de resistência de crânio - feitos com marteladas na cabeça - e testes de altura e pressão.*

*Os testes em animais, portanto, ainda dispõem de desavenças entre as partes, dessa maneira medidas que minimizem as desavenças devem ser tomadas. Algo que deve ocorrer é maior rigor da lei que protege os animais e garante seu bem-estar, pra que fatos como o do Instituto Royal não ocorram mais. Uma solução para os que são contra os testes em animais é seguir práticas veganas, como a de não consumir produtos testados em animais. Já para os que são contra testes em humanos, uma alternativa é o uso de células humanas in vitro (tpiskin) e células sintéticas para os testes, dessa forma os humanos não serão afetados diretamente, logo a desavença será minimizada, não havendo possibilidade de solução.*

Fonte: Dados da pesquisa

Figura 3 – Retextualização Redação C



Fonte: Dados da pesquisa

A retextualização da Redação C evidencia a discussão levantada no texto base sobre a falta de consenso que existe entre se fazer testes em animais ou em humanos. Se por um lado há sofrimento por parte dos animais, como constatado na invasão feita ao Instituto Royal, por outro, os humanos também podem enfrentar problemas. O aluno relembra os testes sofridos pelos judeus na Segunda Guerra Mundial.

As opiniões divergentes são marcadas na retextualização tanto pelo “X” que indica versus, oposição, contradição, quanto pelo texto verbal “Qual lado escolher?”, o qual anuncia uma dúvida. Este texto verbal foi tipograficamente diferenciado dos demais; o aluno recorreu ao uso de caixa alta e em tamanho maior. Além disso, em um lado do quadro está um cão de olhos fechados e fisionomia triste, recebendo a injeção (bastante salientada pelo tamanho) que metonimicamente representa os testes; do outro lado do quadro está a representação de uma figura humana, com semblante assustado, recebendo uma martelada na cabeça. Os demais textos verbais ajudam a compor esses cenários: “testes em animais no Instituto Royal” e “testes em humanos na Segunda Guerra Mundial”.

Embora module desenho, forma geométrica e texto verbal, o aluno também optou por não usar cores.

Redação D

*A experimentação em animais tem por objetivo a avaliação da segurança de produtos antes da sua liberação para testes em humanos e depois consumo no mercado. Todavia, essas além de não serem suficientemente eficazes podem maleficar o estado físico e psicológico do animal exposto àquele meio de cultura, sem sua conscientização. Ainda que possua uma comissão ética no Brasil, essa não garante que os experimentos são totalmente seguros, isso sugere as vantagens possuíntes nos métodos alternativos que atualmente estão em elaboração.*

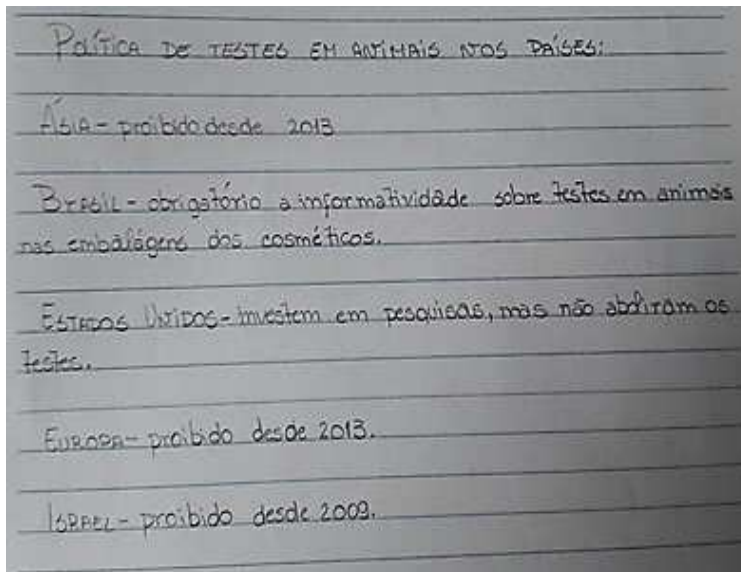
*Apesar da segurança gerada a partir dos testes na ciência dos cosméticos e farmacos, esses, em sua maioria afetam na saúde e até sobrevivência dos animais. Como foi representado pelo seriado “Animals”, da HBO, os roedores, dos quais compõem 80% dos animais submetidos à pesquisas biométricas, maus tratos e agressões. Embora, no Brasil, haja uma lei de crimes ambientais que regule as práticas nocivas do uso da fauna para fins científicos e tenha consequências penais, não elimina-os, como são proibidos nos países da União Europeia para fabricação de cosméticos*

*A partir dos avanços tecnológicos, as técnicas químicas e computacionais são alguns métodos alternativos que levam à resulta e dispencam os modelos vivos. Essas podem ser capazes de fornecer maiores garantias, uma vez que os laboratórios simulam os efeitos dos produtos em humanos, isso diminui a variabilidade e confiança nos experimentos, sem o estresse e sofrimento do animal. Mesmo que o Brasil possua 17 métodos alternativos válidos, não é concreto que esses são efetuados em todos os casos, nem na maioria deles.*

*Os testes em animais apesar de possuírem algumas vantagens, não são em sua totalidade seguros à vida humana e nem animal. Visto isso, cabe as empresas desenvolvedoras de pesquisas científicas substituírem seus métodos. Depende também da interferência do governo em continuar ao acesso à novos métodos até a proibição para não utilização de nenhum vertebrado.*

Fonte: Dados da pesquisa

Figura 4 – Retextualização Redação D



Fonte: Dados da pesquisa

Esta retextualização modalizou pouco a linguagem. Usou a linguagem verbal ao objetivar traçar um quadro comparativo (embora traços para composição de tal não apareçam) entre as políticas de testes em animais em diferentes “países”; no entanto, há continentes listados também (Europa e Ásia).

Importante notar que, diferentemente dos demais exemplos, esta retextualização praticamente não se baseou nos dados do texto verbal. Lá vemos a seguinte informação no final do segundo parágrafo que talvez seja o que mais se aproxima da informação do “quadro”: “embora, no Brasil, haja uma lei de crimes ambientais que regule as práticas nocivas do uso da fauna para fins científicos e tenha consequências penais, não elimina-os (sic), como são proibidos nos países da União Europeia para fabricação de cosméticos”.

Vale destacar que alguns alunos, cujas produções não foram aqui analisadas, recorreram a cópias de gêneros textuais disponíveis na internet (charge, quadrinho, campanha publicitária) para fazerem suas retextualizações. Em muitos casos, estas abordavam o assunto e não propriamente a temática focada no texto.

Vimos que em todas as retextualizações os textos base foram ressignificados. Dos quatro selecionados para serem mostrados neste trabalho,

três são mais multimodais já que combinam diferentes códigos semióticos (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006). Acreditamos, assim como os autores, que não existem textos monomodais, uma vez que utilizamos recursos visuais, tais como tipografia e formatação, em textos predominantemente verbais. Por outro lado, essa breve análise também mostrou que os alunos não estão familiarizados com o manejo de linguagens. O poder semiótico deles está muito aquém das possibilidades de orquestração da linguagem.

As retextualizações acarretaram mudança de gênero. Percebemos que pelo menos houve tentativa de aproximação a algum gênero que talvez fosse mais familiar ao aluno. Segundo Dionísio, Vasconcelos e Souza (2015),

a compreensão destes gêneros exige de seus leitores familiaridade com a tessitura entre as linguagens utilizadas, como as convenções apresentadas, ou seja, as convenções do design. Esta competência se constrói (e também se revela) com base em nossas experiências sociais medidas por textos, pelas nossas práticas de letramento. (DIONÍSIO; VASCONCELOS; SOUZA, 2015, p. 65)

Notamos que, de uma forma geral, houve pouca preocupação com as cores, com a diagramação, com o tipo de papel usado. Essa postura talvez se deva ao fato de muitos ainda verem esses modos como meros adornos, sem atribuir a eles a necessária importância para a produção de sentidos no texto. Por isso, faz-se necessária a ampliação de trabalhos que levem em consideração a multimodalidade dos textos e, como vimos, as retextualizações podem ser um bom caminho para isso.

## 5 Conclusão

Diante da análise das retextualizações de textos dissertativos-argumentativos, produzidas por alunos do 3º ano do Ensino Médio, observamos que essa “produção de um novo texto a partir de um ou mais textos-base” (MATENCIO, 2003) resultou na passagem de “um texto para outro” (MARCUSCHI, 2001; DELL’ISOLA, 2007), implicando, inclusive, mudança de gênero (DELL’ISOLA, 2007): charges,



esquemas, quadrinhos, campanha publicitária são alguns exemplos do resultado da retextualização. Em sua maioria, os textos retextualizados fazem modulações entre palavra e imagem (RIBEIRO, 2015; 2016), mesmo que timidamente em muitos casos (sem explorar cores, por exemplo).

A partir da discussão teórica realizada e da análise da atividade proposta, foi possível perceber a importância de levar para o âmbito da sala de aula atividades que desenvolvam habilidades relacionadas ao desenvolvimento do “poder semiótico” dos alunos. Dessa forma, planejamentos que façam com que os estudantes apreendam conteúdos exigidos por demandas que o professor não pode simplesmente ignorar, como é o caso do Enem, mas que também mobilizem outros tipos de linguagens e suas semioses, constituem-se como fundamentais, não só para o ensino na contemporaneidade, mas também para uma atuação mais crítica e responsiva no que diz respeito ao manejo com diferentes linguagens em outros contextos sociais.

## Referências

CASTALDO, M. M. *Redação no vestibular: a língua cindida*. 2009. 277f. Tese (doutorado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2009.

DELL'ISOLA, R. *Retextualização de gêneros escritos*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

DIONÍSIO, A. P; VASCONCELOS, L. J. de ; SOUZA, M. M. de. *Multimodalidades e Leituras: funcionamento cognitivo, recursos semióticos, convenções visuais*. Recife: Pipa Comunicações, 2014.

KRESS, G. *Literacy in the new media age*. London: Routledge, 2003.

KRESS, G. *Reading images: the grammar of visual design*. London/NY: Routledge, 2006.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita - atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

MATENCIO, M. L. M. Atividades de retextualização em práticas acadêmicas: um estudo do gênero resumo. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 25-32, 2002.

MATENCIO, M. L. M. *Referenciação e retextualização de textos acadêmicos: um estudo do resumo e da resenha*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 3., 2003. Anais... março de 2003.

PENHA, D. T. da .; PEREIRA, J. S. *Ferramentas do Orkut: inovação tecnológica a favor do gênero textual*. In: COLÓQUIO NACIONAL DE LINGUAGEM E DISCURSO CONLID, 2008, Mossoró. Anais... Disponível em <<http://anaisdoconlid1.blogspot.com.br/2011/09/ferramentas-do-orkut-inovacao.html>>. Acesso em: 14 set. 2017.

RIBEIRO, A. E. *Textos multimodais: leitura e produção*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

RIBEIRO, A. E. Tecnologia e poder semiótico: escrever, hoje. *Texto livre: linguagem e tecnologia*. v. 8. n. 1. 2015.

SANTAELLA, Lúcia. *Mídias locativas: a internet móvel de lugares e coisas*. Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, v. 1, n. 35, 2008.

### COMO CITAR ESSE ARTIGO

MENDES, Estefânia Cristina da Costa; JESUS, Lucas Mariano de. Retextualizações multimodais: Ensaio com Estudantes do Ensino Médio. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 43, n. 76, mar. 2018. ISSN 1982-2014. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/11158>>. Acesso em: \_\_\_\_\_. doi: <http://dx.doi.org/10.17058/signo.v43i76>.